Preço 1$00 — Quinta-feira, 13 de Setembro de 1956 — Ano II - N.º 79

Semanário

A PROVÍNCIA

INFORMAÇÃO •• CULTURA •• RECREIO

AVENÇA

Proprietário, Administrador e Editor
V. S. MOTTA PINTO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — AV. D. NUNO ÁLVARES PEREIRA - 18 — TELEF. 026 467
MONTIJO
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA «GRAFEX» — TELEF. 026 236 — MONTIJO

DIRECTOR
ÁLVARO VALENTE

Viagem do Chefe do Estado

As recepções e manifestações dispensadas ao sr. General Craveiro Lopes, ilustre Presidente da República, na sua viagem por terras moçambicanas e da África do Sul, têm sido repassadas do maior entusiasmo e carinho.

Em Lourenço Marques podem cognominar-se de apoteóticas, em vista das mensagens e vibrantes aclamações dos colonos e do povo.

Acompanhado pelo sr. Ministro do Ultramar, prof. Dr. Raúl Ventura, e comitiva, o sr. Presidente da República tem efectuado, desta forma, uma viagem verdadeiramente triunfal!

No seu regresso ao continente, «A Província» regozija-se com o facto e congratula-se com o êxito memorável dessa viagem.

Curiosidades do Mundo

Música

Wieland Vagner dá nova Feição aos «Mestres Cantores»

Alguns edifícios novos, e uma demão de tinta no grande edifício dos festivais: — foi isto em essência o que, exteriormente, se fez para comemorar o 80.º aniversário de Vagner em Beirute. No domínio da música e da representação dramática, celebra-se esta data da maneira mais expressiva, com uma nova nova encenação dos «Mestres Cantores» de Wielande Vagner, um dos netos do grande compositor. Os ensaios decorrem numa atmosfera de entusiasmo e de alegria, que às vezes toca as raias da hilariedade. Até mesmo Wieland Vagner, de natureza um pouco taciturno, sente-se por vezes arrebatado pela comicidade de certas cenas. Todo o conjunto, — os cantores entre eles, alguns que criaram nome nos últimos anos em Beirute e que agora passaram para o primeiro plano; o coro, a orquestra, e todos os figurantes concorreram para um êxito de grande projecção.

POR
JOÃO CALAZANS

Ricardo Vagner, o compositor genial do qual se comemora o seu 80.º aniversário em Beirute

Para desempenhar o papel da protagonista, a «Eva», veio da Holanda Gré Brouwestijin, que se integrou com extrema ductilidade num novo estilo dos «Mestres Cantores», em que transparecem certos elementos renascentistas. O segundo quadro, «A noite de S. João», é de efeito cénico surpreendente. Wieland Vagner simbolizou o luar da noite solstício com um azul profundo, aproximando-se do violeta, de forte efeito sensual. Desapareceram da cena as casas medievais de Nuremberga, não se vendo edifício

(Continua na página 4)

Crónicas Irrequietas - 31

O Passado, o Presente e o Futuro

POR
ÁLVARO VALENTE

«Anda meio mundo a enganar outro meio», — dizia-se há meio século.

E era verdade.

Hoje, porém, como tudo mudou na face da Terra, já não é verdade.

A velha verdade perdeu a graça. Agora, como está certo, é: «Anda o mundo inteiro a enganar-se mùtuamente».

Nos tempos dessa velha verdade, havia meio mundo que ainda se salvava, — meio mundo de ingénuos e de simples que se deixavam enganar com facilidade e que, depois do engano, nem guardavam rancor aos habilidosos.

Actualmente, os ingénuos e os simples passaram à história e, educados na nova escola, trapaceiam como os espertalhões de sempre e entram no coro geral em revindicta.

Aqui e além apontam-se dois ou três napiformes que ainda caem nas armadilhas; mas, com a marcha do tempo despótico, acabarão também por desaparecer nos alçapões desta comédia mágica.

O que se prepara, pois, para o futuro, com esta truanice recíproca?

Ninguém pode prever onde «isto» irá parar, no campo da confiança e da boa fé.

Ou se esgotam de todo os processos dinâmicos das trapaças e aldravices, ou se recua e se volta ao passado longínquo da pureza de intenções.

Disse Antero de Figueí-

(Continua na página 4)

MOTO Jornal
Suplemento Quinzenal de A PROVÍNCIA
sob a Direcção de José dos Santos Marques

Neste número de «A Província» publica-se o 2.º número, com noticiário e artigos de grande interesse

PAULE BRAS

Uma sósia de LESLIE CARON também esteve em Montij

Entrevista de Aníbal Anjos

Portugal já não é aquele país desconhecido que alguns estrangeiros confundiam com a Espanha vizinha, e que outros diziam se encontravam no norte da África. Não! A pátria Lusitana, de Camões ou de Sertório, conforme os gostos, é um país que pela sua comparticipação nas grandes reuniões políticas internacionais, por uma grande expansão turística bem conduzida e pela sua situação estratégica como porta grande, aberta sobre o Atlântico, onde de quando em quando aportam grandes esquadras das terras do tio SAM, é Portugal uno e independente, bem conhecido como tal das grandes potências mundiais.

Por tais motivos, não é raro, digamos antes, é mesmo frequente termos conhecimento de que, dos lugares mais recônditos do mundo, alguns estrangeiros, senão muitos até, vêm propositadamente de abalada até Lisboa, a cidade bela de Ulisses debruçada sobre o Tejo, quando não o percorrem de lés a lés, numa ânsia insofrida de conhecerem as belezas da nossa terra; e isso para nós, portugueses acentuadamente patriotas, constitui uma honra e nos envaidece.

Foi talvez por estas mil e uma razões que uma encantadora e jovem marroquina um dia veio de abalada até à nossa pátria, transpor as nossas fronteiras com seus pais, numa «roulotte», e percorreu Portugal de ponta a ponta. A própria vila de Montijo não escapou à curiosidade prescrutadora desta raparigota e de quem a acompanha.

Isso, deu-me o ens desta sensacional entrev que hoje trago às colu deste jornal, ao deleite dos nossos leitores.

Foi numa tarde estival, quase ao pôr do sol, quando

o horizonte começa a tingir-se de vermelho e violeta, que encontrei PAULE BRAS — assim se chama a protagonista deste relato — no bucólico e cosmopolita Estoril.

Na berma da estrada divisava-se uma linda «roulotte» clara que um grande «espadalhão», de boa factura americana, rebocava. O seu número de matrícula francesa chamou a minha atenção de jornalista curioso, e aproximei-me.

Entabulei conversa amena, que os meus conhecimentos profundos do idioma francês ainda mais avivaram.

A uma pergunta minha, a insinuante e gentil marroquina-francesa, contestou-me:

— Nasci em Fez, e como Portugal nos interessava, pelo que tínhamos ouvido

(Continua na página 4)

Em breve:

Por terras galegas

Crónicas e reportagem de

Álvaro Valente

VIDA PROFISSIONAL

Médicos

Dr. Avelino Rocha Barbosa

Das 15 às 20 h.
R. Almirante Reis, 68, 1.º
Telef. 026 245 — MONTIJO
Consultas em Sarilhos Grandes, às 9 horas, todos os dias, excepto ás sextas feiras.

Dr. Fausto Neiva

Largo da Igreja, 11
Das 10 às 13 e das 15 às 18 h.
Telef. 026 256 — MONTIJO

Dr J. Sousa Correia

CLÍNICA DENTÁRIA
Dentes artificiais e consertos
Consultas todos os dias
das 11 às 13 e das 15 às 17 horas
Rua Bulhão Pato, 58 — MONTIJO

Dr.ª Isabel Gomes Pires

Ex-Estagiária do Instituto Português de Oncologia.
Doenças das Senhoras
Consultas às 3.as e 6.as feiras
R. Almirante Reis, 68-1.º - Montijo
Todos os dias
Rua Morais Soares, 116-1.º
LISBOA Telef. 48649

Parteiras

Felisbela Victória Pina

Parteira - Enfermeira
Partos, injecções e tratamentos
Rua Sacadura Cabral, n.º 50
TELEF. 026 487 — MONTIJO

Augusta Marq. Charneira Moreira

Parteira-Enfermeira
Diplomada pela Faculdade de Medicina de Coimbra
Rua Tenente Valadim, 29-1.º
MONTIJO

Organizações Progresso

Oiçam todas as 3.as feiras às 13 horas, através do Clube Radiofónico de Portugal o programa «REVISTA DESPORTIVA», uma produção de Fernando de Sousa, com o patrocínio deste jornal.

REVISTA DESPORTIVA

15 minutos em que fala do desporto e a favor do desporto. Produção associada de: Fernando de Sousa, Fernando de Lacerda e Veríssimo Alves. Brevemente novos programas e novas rubricas. Para a sua publicidade consulte

Organizações Progresso
Av. de Roma, 207, 3.º - Esq.º
LISBOA

Telefone 026 567
Para boas Fotografias
Foto Montijense

MONTIJO

CHEGOU A TELEVISÃO!

Quando no passado dia 4, pelas 21,30 horas, se registou em Portugal a primeira emissão experimental de televisão, através do emissor da Rádio Televisão Portuguesa, instalado na Feira Popular de Lisboa, e único até agora em actividade, já em Montijo algumas dezenas de pessoas fixavam com curiosidade o quadradinho mágico de um aparelho receptor, adquirido pela Gerência do Café Portugal, que assim proporcionava aos montijenses a oportunidade única de presenciarem a estreia da televisão no nosso País.

Essas dezenas de pessoas puderam assim viver um momento que, pela vida fora, recordarão sempre como um momento histórico, e a nossa Terra poude acompanhar com oportunidade o progresso Nacional!

Deve-se o facto, como já salientámos, a uma feliz iniciativa da Gerência do Café Portugal. Não pretendendo fazer propaganda, porquanto não é esse o espírito que nos anima, é de absoluta justiça realçar o génio empreendedor do seu proprietário, Sr. Manuel Onofre, que, no campo das inovações, tem sido sempre o primeiro dos primeiros. Foi ele, efectivamente, quem pela primeira vez instalou em Montijo um aparelho de telefonia num estabelecimento, uma pequena leitaria que se situava no local onde se encontra o Café Nacional do Ribatejo, e já no seu actual estabelecimento de Café, foi o introductor de vários jogos de salão, «snooker», máquina eléctrica de Café, gira-discos automático e, finalmente, a televisão!

Simultâneamente, vão para o Sr. Fernando Capela, conceituado e dinâmico comerciante, as honras de pioneiro comercial da televisão em Montijo, pois não só foi quem vendeu o primeiro aparelho receptor, como também se ficou devendo à sua persistência e espírito de colaboração a vinda para Montijo do receptor adquirido pelo Café Portugal.

Quanto aos programas, a que tivemos o prazer de assistir já algumas vezes, sem todavia possuirmos termo de comparação porquanto nunca presenciámos uma emissão estrangeira, apraz-nos declarar muito francamente que ficámos satisfeitos, tanta mais que ensaiados ainda entre nós os primeiros passos e devendo lutar com inúmeras deficiências técnicas e profissionais, a televisão em Portugal apresenta-se já como prometedora realidade.

J. J.

Praça de Toiros

Festival de homenagem à Comissão da Praça de Toiros de Montijo

Realiza-se hoje, pelas 22 horas, na praça do Campo Pequeno, um grandioso festival de homenagem a esta Comissão.

Serão lidados *toiros novilhos*, de Pinto Barreiros, actuando como cavaleiros José Baraona Núncio (filho de Mestre João Núncio) e António Palha, e como «espadas» Domingo Ortega, Luís Miguel Dominguin, Pepe Dominguin, e o matador português Joaquim Marques.

A Marcha Popular dos Pescadores, de Montijo, que tamanho êxito tem alcançado nas suas exibições, exibir-se-á no intervalo. Haverá um vapor extraordinário de Montijo a Lisboa e volta, com partida às 20 horas e regresso à 1 hora.

Abrilhantará o festival as nossas duas bandas.

Tratando-se dum festival que sobremaneira honra a Comissão e Montijo, é de esperar que a concorrência seja formidável.

Assim o determinam o bairrismo e a *afficion* do nosso povo ribatejano.

Uma carta interessante

Snr. Director

Publicou o jornal dirigido por V., o artigo que o «Jornal do Comércio» anteriormente dedicara ao problema das comunicações fluviais entre Lisboa e a margem esquerda do Tejo.

Diz V. que a solução «única, verdadeira, radical é a Nossa Ponte».

Também eu julgo assim; e sou insuspeito, porque a minha naturalidade é Lisboa e é onde resido. Não possuo qualquer interesse material em Montijo, todavia acredito que a sua população pugna por uma causa justa ao solicitar dos poderes constituidos que se faça a ponte entre Lisboa e esta vila.

O que em tempos foi projectado, de sorte a ligar a parte oriental da capital com a margem sul, tem muita razão de ser, já porque facilitaria o escoamento dos produtos produzidos na importante vila de Montijo, cujo valor ascende a alguns milhares de contos e os quais são consumidos em muitos centros urbanos do país, do ultramar e do estrangeiro, já porque se verificou que o Tejo, entre o Poço do Bispo e a zona vizinha que o rio separa, tem condições excelentes para nele se erguerem os pilares duma bela ponte.

Portanto, se existem razões de ordem técnica e de ordem económica para se fazer a ponte de Lisboa a Montijo, parece-me muito bem que as forças vivas do vosso concelho se deverão esforçar para que tal aspiração seja uma realidade.

E «A Província» deve ter em vista tal aspiração, deve apoiá-la com entusiasmo, deve revelar perseverança até ao dia em que as entidades oficiais executem aquilo que um Ministro das Obras Públicas tentou há anos realizar.

Trata-se, afinal, de dizer «sim» ao critério do poder central, critério que captou de maneira profunda o apoio da opinião pública de Montijo.

Resta-me dizer ao snr. director: bem haja pelo intento que tem em vista.

Com os antecipados agradecimentos pela publicação desta carta, subscrevo-me, com muita consideração.

Mário Caldeira

Da Comissão das Festas Populares de S. Pedro, recebemos o seguinte ofício:

Montijo, 20 de Julho de 1956

Senhor Director
do Jornal «A Província»
Montijo

A Comissão das Festas Populares de S. Pedro vem muito reconhecida agradecer a V. a simpática e valiosa colaboração que se dignaram prestar às nossas Festas do corrente ano.

Creia-nos V. com a maior gratidão; e com os nossos melhores cumprimentos e elevada consideração, se subscrevem

De V.
Atenciosamente
Pela Comissão das Festas de S. Pedro
Joaquim Sousa Gregório

N. R. — Nada tem a Comissão que nos agradecer.

«A Província», fiel ao seu programa e à sua divisa, cumpriu o seu dever e continuará, como até aqui, obstinada em seus desígnios.

Montijo, e, consequentemente, todos nós, é que deve estar profundamente reconhecido pela soma de energias e de trabalhos que essa Comissão dispendeu a favor das Festas, a favor do prestígio da nossa terra.

E' «A Província», — semanário montijense cem por cento, portanto, que replica: Muito obrigado, senhores!

SANFER, L.DA

SEDE
LISBOA, Rua de S. Julião, 41-1.º

ARMAZÉNS
MONTIJO, Rua da Bela Vista

AEROMOTOR SANFER o moinho que resistiu ao ciclone - FERROS para construções, ARAMES, ARCOS, etc.
CIMENTO PORTLAND, TRITURAÇÃO de alimentos para gados
RICINO BELGA para adubo de batata, cebola, etc.
CARRIS, VAGONETAS e todo o material para Caminho de Ferro
ARMAZENS DE RECOVAGEM

Concurso Hora Feliz

Ao abrir do célebre relógio, que tantos prémios tem distribuido por intermédio do Concurso que a Ourivesaria e Relojoaria Contramestre, da Praça 1.º de Maio, está realizando com tanto êxito, verificou-se, na passada quinta feira, 6 do corrente, que parara na:

1 hora e 43 minutos.

Depois, verificou-se que o prémio coubera à sr.ª D. Ana Casimiro, moradora na rua do Norte, 13, em Montijo.

Inscreva-se, portanto, no CONCURSO HORA FELIZ.

Tendo V. Ex.ª que efectuar Seguros em qualquer ramo não deixe de consultar

Luís Moreira da Silva
Rua Almirante Reis, 27
Telefone 026 114
MONTIJO

Obras de Alvaro Valente

— «Eu», livro de sonetos, esgotado; «Daqui... fala Ribatejo», contos monográficos, 30 escudos; «Pedaços deste Ribatejo», folclore e costumes, 30 escudos; «A minha visita ao museu de S. Miguel de Ceide», folheto, 5 escudos; «Hino a Almada», em verso, 10 escudos; «Grades Eternas», estudos sociais, 15 escudos; «Vidas Trágicas», romance, 15 escudos: «Viagem de Maravilhas», reportagem, 20 escudos.

Pedidos à Redacção de «A Província».

MONTIJO

AGENDA ELEGANTE

Aniversários

— Dia 26, Agosto — o sr. Augusto António Fernandes, nosso estimado assinante, de Portalegre.

— Dia 5, Setembro — a sr.ª Maria Leonor Costa Baptista Gouveia, esposa do nosso prezado assinante, sr. José Luís Gouveia Junior.

— Dia 7, a sr.ª Emília Branco Pascoal, mãe do nosso estimado assinante, sr. José Eduardo Pascoal Pereira.

— Dia 7 o sr. Armando Rebelo, nosso estimado assinante.

— Dia 9, a menina Maria Vitória Pascoal Pereira Martins, afilhada do nosso estimado assinante, sr. José Augusto dos Santos.

— Dia 13, o sr. Anselmo Joaquim Marques, nosso prezado assinante.

— Dia 13, a sr.ª D. Maria Edite Vicente, irmã do nosso estimado assinante sr. Mário Vicente.

— Dia 14, a menina Maria Tereza dos Santos Carvalho Almeida, gentil nètinha do nosso prezado assinante sr. Luís Soares de Carvalho.

— Dia 16, o menino António Manuel Correia Sousa Fortunato, filho do nosso estimado assinante sr. Francisco da Mónica Fortunato.

— Dia 16, o Snr. Joaquim Manuel Tavares Ramos Cardeira, filho da nosso estimado assinante Snr. Carlos Ramos Cardeira.

— Dia 17, a sr.ª. D. Maria Júlia dos Santos Catita, esposa do nosso dedicado assinante sr. José L. Catita, de Almada.

— Dia 17, o Snr. António José Rodrigues Maurício, nosso estimado assinante.

— Dia 19, o sr. José Joaquim Costa, nosso estimado assinante.

— Dia 22, a sr.ª. D. Maria Angélica Rosa Gomes, nossa dedicada assinante.

Nascimento

No dia 31 do mês findo, foi brindado o lar do nosso estimado assinante e amigo, sr. Edgard Duarte Madeira e sua esposa, sr.ª D. Vera Castanheira Nobre, pelo nascimento de um filho.

A seus pais, apresentamos as nossas felicitações, auspiciando ao neófito um futuro muito venturoso.

Partidas e Chegadas

Em viagem de negócios, seguiu no dia 5 do corrente, em visita a França, Bélgica, Inglaterra, Alemanha e Holanda, o nosso estimado assinante e industrial da nossa vila, sr. José Gamero Gonzalez, ao qual desejamos boa viagem e feliz êxito nos seus propósitos de expansão àqueles países.

Em férias

Encontra-se em gozo de férias, em Canas de Sabugosa, (Beira Alta), o nosso prezado assinante, sr. Norberto Martins Soares, desta vila.

Desastre

— No dia 5 do corrente, pelas 21 horas, deu-se um choque entre o ciclista Arnaldo Jesus Bruno, casado, vendedor ambulante, de 27 anos, natural de Sarilhos — Montijo, e a camioneta de carga conduzida pelo motorista António Marques Caramelo, de 32 anos, casado, natural de Santa Comba Dão.

O ciclista ficou muito mal tratado, dando entrada, no mesmo dia, no Hospital de S. José, de Lisboa.

A Polícia de Trânsito de Montijo tomou conta do incidente.

Este número de «A Província» foi visado pela CENSURA

Colónia Balnear Infantil

José da Silva Leite - Montijo

Terminou no dia 25 de Agosto o 3.º e último turno desta Colónia.

É oportuno dizer alguma coisa acerca desta grandiosa obra e do seu significado:

Há 3 anos que a Colónia se instituiu sob a égide do seu fundador, o benemérito presidente do nosso Município, sr. José da Silva Leite.

No 1.º ano a frequência foi de 160 crianças; no 2.º, foi de 304; e no presente ano, foi de 330.

Por estes números se avaliam imediatamente quais os benefícios que a Colónia tem prestado à população infantil de Montijo.

Vejamos agora como tudo foi organizado e funcionou durante a época balnear de 1956:

As crianças foram recrutadas entre as mais pobres da nossa terra, e foram prèviamente submetidas a uma rigorosa inspecção médica, no Hospital Subregional.

As que não puderam frequentar a praia, por falta de saúde, ficaram sujeitas a vigilância e a tratamentos especiais, tendo colaborado graciosamente na iniciativa os Drs. Eduardo Perdigão, director clínico do Hospital, Alcides da Cunha e Fausto Neiva.

As crianças com doenças ósseas foram todas inscritas e beneficiaram da regalia especial da frequência dos três turnos.

Cada turno foi dividido em três grupos, e cada grupo teve sua monitora e respectiva auxiliar.

O regime da praia foi superiormente traçado pelo Dr. Eduardo Perdigão, que acompanhava a evolução sanitária de cada colono com todo o carinho e atenção, em especial os que sofriam de doenças ósseas.

O funcionamento da Colónia foi sempre orientado pelas distintas funcionárias do Instituto de Assistência à Família, sr.as Filomena Felipe e Maria da Conceição Constantino, também graciosamente, com a valiosa colaboração dum grupo de amigos desta Obra.

A Colónia teve ao seu serviço um banheiro privativo, e, após os banhos, houve sempre merendas abundantes, principalmente em leite e frutas.

Para terminar, diremos que a Colónia foi novamente mantida pelo seu fundador, o sr. José da Silva Leite, calculando-se a despesa em trinta contos.

É tempo de dizermos, o que se nos oferece, acerca desta obra tão interessante e tão humanitária.

Está acima de todos os elogios a sua acção; e a atitude do seu fundador é uma verdadeira lição, neste momento de egoismos profundos.

Montijo deve orgulhar-se da obra deste seu filho, e «A Província», na sequência do seu programa e das suas divisas, sente particular satisfação ao noticiar nas suas colunas casos como este, tendentes à valorização dos futuros homens e à melhoria das classes pobres.

Em nome da Humanidade, *obrigado* sr. fundador da Colónia, *obrigado* srs. e senhoras que nela têm colaborado.

No dia 9, pelas 15,30, realizou-se a festa de encerramento no salão de festas do Clube Desportivo de Montijo.

Presidiu o sr. José da Silva Leite, presidente da Câmara e fundador da Colónia, e fizeram parte da mesa o Dr. Manuel Paulino Gomes, Dr. Fausto Neiva, reverendo padre Marques, D. Maria Filomena Bota Felipe e D. Elvira Mil Homens.

Usaram da palavra a sr.ª D. Maria Filomena, que fez a sua Palestra Educativa, e a sr.ª D. Laura Bernardes, como representante das mães agradecidas.

Seguiu-se a 2.ª parte do programa, em que as crianças beneficiadas recitaram e cantaram, o que provocou entusiásticas ovações.

O sr. José da Silva Leite encerrou, então, a sessão com palavras de muito carinho para as crianças e protestos de continuar dispensando à Colónia o seu apoio e protecção.

Por fim, realizou-se a sessão de cinema, exibindo-se a fita: Como funciona a Colónia Balnear Infantil. E assim terminou esta simpática festa, tão impressionante e expressiva.

Feira de Malhas

EM MONTIJO

Malhas para homem, senhora e criança a preços excepcionais.

No seu próprio interesse visite a *Casa Bambino*

R. Joaquim de Almeida, 39-A

MONTIJO

Festas a N.ª S.ª da Boa Viagem

na Moita do Ribatejo

Têm decorrido com imponência desde sábado findo, dia 8, na atraente vila da Moita, os festejos à sua padroeira, Nossa Sr.ª da Boa Viagem.

As solenidades religiosas e os números festivos, têm sido em parte prejudicados pela irregularidade do tempo, bem ao contrário dos desejos da sua incansável Comissão de Festas.

No dia do encerramento dos trabalhos deste número, — radioso de sol —, que coincide com o de homenagem a Mestre João Branco Núncio, tudo leva a supor que essa homenagem revista a grandiosidade de que é digna tão simpàtica figura da tauromaquia portuguesa.

Assim, no próximo número daremos a devida reportagem desse memorável acontecimento e a todas as manifestações de actividade ligadas às festas deste ano, na vizinha e castiça vila da Moita do Ribatejo.

LUTUOSA

No dia 6 do corrente faleceu em Lisboa o sr. Luciano Anjos da Cunha Belo, empregado no Banco Nacional Ultramarino, natural de Montijo.

Era casado com a sr.ª D. Maria Cintra Bravo Belo, pai e sogro da sr.ª D. Maria Adelaide Bravo Belo Alvares Otero e do sr. Adolfo Alvares Otero.

O seu funeral realizou-se no dia seguinte, para o cemitério desta vila.

«A Provincia» apresenta condolências a toda a família enlutada do saudoso extinto.

Sociedade Recreativa Progresso Afonsoeirense

Começam no próximo sábado, 15 do corrente, as festas comemorativas do 7.º aniversário desta prestimosa colectividade.

O programa está assim constituído:

— A's 21,30, chegada do grupo musical «Os Canários», da Atalaia, e abertura da quermesse.

— A's 21,45, grandioso baile abrilhantado por esse grupo, havendo às 23,30, um *fox* lento com prémio ao par vencedor.

No Domingo, 16, as festas continuam:

— A's 16 horas, chegada do grupo musical «Unidos do Jazz», do Alto do Estanqueiro, e abertura da quermesse.

— A's 16,30, grandiosa *matinée* até às 20 horas.

— A's 21,30, *soirée* abrilhantada por esse grupo musical.

— A's 23,30, realizar-se-á a surpreendente «Dança da Gravata», com uma linda gravata como prémio ao vencedor.

As festas continuam noutros dias e com programas que noticiaremos.

«A Província» felicita a Sociedade aniversitária e o seu presidente, nosso prezado assinante, sr. Manuel Soares Póvoas, fazendo votos por largos anos e longas prosperidades.

Salvé 12/9/1956:

Aniversário Natalício do sr. Joaquim da Fonseca J.r

António José Fuste de Sousa e Raúl Fuste de Sousa saúdam afectuosamente o seu estimado tio e padrinho, pela passagem desta data feliz, apetecendo-lhe um dia risonho, sempre alegremente dilatado por muitos outros, em saúde e prosperidades.

Oferece-se

— DACTILÓGRAFA, com 2 anos de prática de Cartório, 17 anos de idade, deseja emprego compatível. Nesta Redacção se informa.

Precisa-se

— EMPREGADO, para fábrica de chacina em Montijo, 16 a 17 anos. Ordenado 300$00 mensais. Nesta Redacção se informa.

Aluga-se

— CASA com 9 divisões, 1.º andar, renda 500$00. Informa-se neste Jornal.

Trespassa-se

— LUGAR DE FRUTAS, miudezas porcinas, peixaria e hortaliças, com um pequeno sòtão para habitação, junto a importante centro industrial, por motivo de retirada. Trata-se com o próprio, José Pinto, Bairro do Alto das Vinhas Grandes, Montijo.

Ensino Primário

— PROFESSORA diplomada aceita alunos. Nesta redacção se diz.

Fotofilme

Trabalhos para amadores

Fotografias d'Arte

Aparelhos Fotográficos

Reportagem Fotográfica

Rua Bulhão Pato, 11 - MONTIJO

AGENDA UTILITÁRIA

Farmácias de Serviço

5.ª-feira, 14 — *Giraldes*
6.ª-feira, 15 — *Montepio*
Sábado, 16 — *Moderna*
Domingo, 17 — *Diogo*
2.ª-feira, 18 — *Giraldes*
3.ª-feira, 19 — *Montepio*
4.ª-feira, 20 — *Moderna*

Boletim Religioso

Culto Católico

MISSAS

5.ª-feira — às 9 horas.
6.ª-feira — às 19 horas.
Sábado — às 9 horas.
Domingo — às 8, 10, e 11,30 h.

Culto Evangélico

Horário dos serviços religiosos na Igreja Presbiteriana, Rua Santos Oliveira, 4, Montijo.

Domingos — Escola Dominical às 10 horas, crianças, jovens e adultos. Culto divino às 11 e às 21,30 horas.

Quartas Feiras — Culto abreviado com ensaio de hinos religiosos, às 21,30 horas.

Sextas Feiras — Reunião de Oração, às 21,30 horas.

No segundo Domingo de cada mês celebração da Ceia do Senhor, mais vulgarmente conhecida por Eucaristia ou Sagrada Comunhão.

Igreja Pentecostal, Rua Alexandre Herculano, 5-A, Montijo.

Domingos — Escola Dominical às 11,30 horas. Pregação do Evangelho, às 21 horas.

Quintas Feiras — Pregação do Evangelho, às 21 horas.

Espectáculos

CINE POPULAR

5.ª feira, 13; «Capitão Negro», com complementos curtos e Revista Paramount,

6.ª feira, 14; «Raparigas de S. Frediano», com «Vidas Erradas».

Sábado, 15; A reposição em Cinemascópio, «A Dama e o Vagabundo».

Neste espectáculo têm entrada crianças maiores de 6 anos.

Domingo, 16; A fenomenal produção, «Náná».

2.ª feira, 17; O *filme* dum genial compositor, «Verdi», com complementos curtos.

3.ª feira, 18; «O Monstro da Lagoa Negra», com Peggy.

4.ª feira, 19; «Destino a Tânger», com «O Castelo das Surpresas».

5.ª feira, 20; «A Filha de Mata-Hari», com «O Vulcão».

CINEMA 1.º DEZEMBRO

5.ª feira, 13; (Para 18 anos), o mais belo *filme* de Cinemascópio «As Aventuras de Ajji Babá».

6.ª feira, 14; (Para 18 anos), um drama admirável extraído de um livro celebre, Eugénia Grandet, com Aliba Valli e ainda o *filme* de aventuras policiais «Fantomas contra Fantomas».

Sábado 15; (Para 18 anos), o fantástico *filme* dramático de aventuras na selva, «Moana», e no programa a linda comédia «Doidinha por Homens».

Domingo 16; (Para 13 anos), o super *filme* histórico em tecnicolor «Lady Godyva», com a escultural Mauren O'Hara.

2.ª feira, 17; (Para 13 anos), a famosa epopeia colorida, «Cochise» e o grande *filme* de aventuras na selva, «Bomba o Pantera Negra».

3.ª feira, 18; A cópia nova do maravilhoso *filme* alemão «O Lago dos Sonhos», e no programa a linda comédia com Anna Magnani, «Abaixo A Tristeza».

4.ª feira, 19; (Para 18 anos), um drama sublime e apaixonante «Ciume», e ainda no programa o estupendo *filme* em tecnicolor «A Canção do Sheike».

PAULE BRAS

(Continuação da primeira página)

contar das suas belezas naturais, arquitetónicas e passado histórico grandioso, viemos até cá «dans notre caravane» (na nossa caravana), como a minha interlocutora tão graciosamente chamou à sua «roulotte».

Contudo, antes de continuarmos a nossa entrevista, notei qualquer coisa de singular nas feições da pequena PAULE, e ante a minha interrogação, como que vindo ao encontro do meu pensamento, a jovem marroquina — pois apenas conta quinze anos — desvenda-me o mistério das minhas dúvidas.

— Compreendo a sua admiração pela minha pessoa. Sou uma sósia da artista cinematográfica e bailarina francesa LESLIE CARON, e, como ela, adoro o «ballet», como gostaria de vir a ser uma grande bailarina e também de vir a fazer cinema.

Com efeito, a semelhança de Paule Bras com Leslie Caron é flagrante, e não só por este facto, como pela sua simpatia pelo nosso país, achámos interessante a reprodução da entrevista, através destas linhas despretenciosas, alinhavadas algumas horas depois num dos «*bares*» cosmopolitas do Estoril, entre dois cafés e alguns cigarros, quando a noite já reinava em senhora e rainha, cobrindo toda a vila com o seu manto de trevas. Ao longe, as luzes do casino começavam a acender-se e os ritmos animados do «jazz» emprestavam um encanto indizível a esta inesperada reportagem.

— Além da dança clássica, quais são as suas preferências?

Com um sorriso gracioso, paradoxal, duma verdadeira parisiense, Paule responde:

— A música, o desenho, a natureza — pois adoro a vida ao ar livre — as crianças e os animais.

— O que não prefere?

— O latim que abandonei, pois já terminei os meus estudos.

E dizendo isto, a bailarina «en herbe», oferece-me, juntamente com a foto que aqui reproduzimos, um exemplar do jornal «Le Courrier du Maroc», de 18 de Junho passado, onde a par da sua foto em tu-tu de bailarina, se lê a seguinte legenda: *M le Paule Brás, grande laureada das classes de dança, que recebeu a primeira medalha por unanimidade e o prémio oferecido pela Municipalidade.*

— Recordações de Portugal?

— Levo as melhores, pois percorremos o vosso país de lés a lés, inclusivamente Montijo, e em toda a parte só encontrámos maravilhas e hospitalidade.

Restava-me uma última pergunta.

— E de Portugal, do que mais gostou?

— De Lisboa, cidade magnífica, mas onde infelizmente pouquíssimo tempo nos demorámos, e Coimbra e do seu encantador «Portugal dos Pequeninos».

Desta última, Paule, a jovem marroquina do país do islamismo, com mulheres de face velada, e homens de albornozes e chinelas ponteagudas, leva a grata recordação através duma foto da sua pessoa à janela duma vivenda do «Portugal dos Pequeninos», de par com a recordação indelével da boa hospitalidade portuguesa, verdadeiro cartaz turístico da nossa terra.

Na escuridão da noite a sua «caravana» desliga com rumo ao seu Marrocos das mesquitas, onde, ao entardecer, os «muezzins» entoam do alto dos seus minaretes os cânticos e fazem o apelo aos fiéis.

«Je reviendrai au Portugal» — diz-me Paule da janela da «roulotte», enquanto o «pisca-pisca» da caravana tem o aspecto duma linda estrela no firmamento, tal como eu adivinho que Paule o será no firmamento artístico do futuro.

— Adeus, Paule. Até breve, boa amiga do nosso querido Portugal!

Aníbal Anjos

MÚSICA

Wieland Vagner dá nova Feição aos «Mestres Cantores»

(Continuação da primeira página)

algum. Uma mera insinuação da viela e da calçada indica os limites da cena. Árvores e arbustos são figurados por algumas linhas abstractas.

Wieland Vagner declara que, antes de mais nada, procurou cores capazes de traduzir o ambiente de cada cena e de se adaptar o mais exactamente possível à música.

Adoptou por essa razão um azul claro para a cena da igreja, em que alguns bancos representam o elemento decorativo renascentista. Para a cena do prado escolheu nm amarelo primaveril intenso. Numa tribuna gigantesca o coro e os elementos do bailado tornam-se da mesma maneira espectadores dos acontecimentos em cena com o público dos festivais. Wieland Vagner declara que, partindo das cores, desenvolveu a estrutura das cenas, sendo os elementos impulsores as intenções de «*régie*» e a sua concepção coreográfica.

«Meu avô só pôde compor os seus «Mestres Cantores» depois da vivência em Triebschen com Matilde, depois da parte difícil de «Tristão» onde perpassa o amor votado pelo solteirão, já idoso, Hans Sachs, por Eva, tendo-se o meu avô retratado a si próprio, assim como também Stoltzing, o aristocrata e revolucionário, é retrato seu. Ambos amam a adorável Eva. Passada a paixão tumultosa de Tristão, cede o lugar à ironia. Matilde serviu de modelo a Eva, o jovem cantor mestre submete-se ao velho que lhe abre o caminho que leva a Eva, — o canto premiado. O povo, em cena, ovaciona o mestre velho e o jovem, enquanto o seu adversário Beckmesser, a personificação da crítica estéril, abandona o terreno. Na essência, é isso que eu pretendo mostrar. Não sei se conseguirei atingir este objectivo. O melhor será esperar».

A par de cantores e executantes alemães, entre eles algumas fisionomias novas, figurará, além da Gré, o chefe de orquestra francês. André Cluytens. No papel do holandês, no «Navio Fantasma», apresenta-se Jorge London, que também interpretará o papel de Amfortas, representado também por Dietrich Fischer - Dieskau, que, ao mesmo tempo, interpretará o Kothner. Arnold van Mill tomou a seu cargo os papéis de Daland e Fafner de Nova Iorque vem também Jéan Madeira que alternará com Maria von Ilosvay no papel de Erda.

Já nas primeiras semanas do corrente ano a lotação dos festivais de Beirute estava completamente esgotada. Uma das características dos festivais deste ano, é o facto de figuras de relevo internacional se conformarem em muitos casos com o desempenho de papéis menores. Não resta dúvida que este ano os «Mestres Cantores» estarão em primeiro lugar, tanto mais que se trata da composição de Ricardo Vagner de maior popularidade. O «Anel dos Nibelungos», a antiga saga da sede do poder, da purificação e da redenção, tem tido de ano para ano repercussão mais forte no público moderno.

João Calazans

Que não falte na sua mesa o café de

«A JAVANEZA»

Rua do Arsenal, 102
Telef. 22722

Enviam-se encomendas para a província

O Passado, o Presente e o futuro

(Continuação da primeira página)

redo: «O Passsado é noite sábia que dá conselhos».

Assim digo também.

É preciso sòmente que se escute a voz dessa noite (as noites falam como gente grande). Escutar e saber escutar, é meio caminho andado para a regeneração...

O caso estaria, portanto, em obrigar a escutar essa noite as gerações desvairadas que se acotovelam.

Eis o mais difícil.

A propósito de tudo se fala na Tradição. Eu sou também pela Tradição. Mas sou pela Tradição em todos os sectores proveitosos, sem excluir o da Moral.

A maioria dos apologistas, porém, exclui esse sector.

Serve a lição da História, a lição das antigualhas, a lição das velharias balofas, das infantilidades inúteis; mas não servem as lições de civismo, de seriedade, de altruismo, de solidariedade humana, de honestidade impoluta, de costumes sãos e exemplares que a mesma Tradição constantemente nos aponta.

É isto que eu não compreendo.

A Tradição, no sentido em que a aproveitam, é, afinal, um fantasma com que se pretende explicar o retrocesso de certas convicções.

E a noite sábia, — a tal que dá conselhos —, é apenas uma figura de retórica que não tem significado prático, nem verdadeiro.

Desenterremos os pergaminhos bolorentos e bafientos, vamos buscar os símbolos lendários, os exemplos de valentia, de coragem, de dedicação, de altivez patriótica, de pura e sincera fé, de honradez sem mácula.

Pois, vamos!

Mas não nos esqueçamos de trazer e de pôr na efectividade, igualmente, os sentimentos que ressaltam das análises, as virtudes que ressumam de todos os actos invocados.

Assim, compreendia eu a Tradição, as lições do Passado, a «noite sábia» que dá conselhos.

Como tal se não faz e, muito às avessas, se vive em pleno dia de farsas e de cinismos vários, o panorama continua confrangente e a tragédia agrava-se instante a instante.

Vamos inaugurar a época da sinceridade? Vamos?

Mas não se diga depois: Haverá sinceridade nisso?

Álvaro Valente

AGUARELA TRISTE

Rompe o sol nos horizontes
Lançando jorros de luz;
As águas cantam nas fontes
Agonias de Jesus.

Gorgeiam dentro dos ninhos
As avezitas implumes,
Enquanto pelos caminhos
Dos pobres, soam queixumes.

Todos os dias lá vão
Mal desponta a madrugada;
P'la luta eterna do pão,
Sobraçando a sua enxada.

Pobres Filhos do Senhor!
Almas tão desprotegidas
Que extinguem com o seu suor
Gota a gota as próprias vidas.

Manuel Giraldes da Silva

Pela IMPRENSA

— O nosso prezado colega «O Desforço», que se publica em Fafe, deu-nos a honra de transcrever, no seu número de 2 de Agosto passado, o artigo do nosso Director intitulado «Não há grande, nem pequena imprensa: há apenas Imprensa».

Muito gratos pela gentileza.

— O nosso colega «Democracia do Sul», que se publica em Évora, honrou-nos também com a transcrição da crónica irrequieta, intitulada «O sr. Cunha e a D. Empenhoca», do nosso Director. A transcrição deu-se no número de 2 de Agosto passado.

Agradecemos, muito sensibilizados, a deferência e a distinção.

— O nosso caro colega «A Voz de Palmela», que nessa vila se publica, no seu número de 16 do mesmo mês, transcreveu o artigo «Vamos restaurar os pelourinhos do distrito de Setúbal», da autoria do nosso colaborador prof. José Manuel Landeiro.

Confessamo-nos muito agradecidos pela amabilidade e ainda pelas palavras amigas e atenciosas com que precedem essa transcrição.

— A todos, muito obrigados!

Este número de «A Província» foi visado pela CENSURA

José Teodósio da Silva
(Herdeira)
Fábrica fundada em 1900 (em edifício próprio)
Fábrica de Gasosas, Refrigerantes, Soda water, Licores, Xaropes, Junípero, Cremes de todas as qualidades, etc.
Fabricos pelos sistemas mais modernos.
Rua Formosa 8 — Telef. 026204 — 9
MONTIJO

BOCAGE

Por Sousa Gago

(Continuação do número anterior)

Mas Bocage volta à pátria e, então por manifesto fatalismo envereda e entra no ambiente de vertiginosas tentações, de pouco escrupulosas companhias, onde o seu génio exaltado, ateado por paixões indomáveis que nunca soube nem poude refrear, se revolta contra o formalismo da época, ferindo desapiedadamente os seus consócios da Arcádia, entre os quais José Agostinho de Macedo, frade, panfletário e poeta de débil inspiração, o qual, embora tivesse sido seu amigo, não escapou ao bisturi escalpelizante das suas sátiras, à veemência escaldante dos seus epigramas.

Então, em contínua tempestuosidade, Bocage, fisicamente débil, de rosto esquálido, onde os olhos encovados relampejavam chispas de talento, tornara-se perdulário e esbanjador do seu estro levando durante anos uma vida de libertino, dissipando muito do seu talento nas alfurjas, nas vielas ou praças públicas, em temas de paixões torpes, em impetuosas sátiras que a multidão ovacionava, alentando-lhe a vaidade que crescia num génio exaltado, numa férvida ebulição da qual manavam, em borbotões, numa excitante efervescência, lavas pornográficas, contudo sempre entristecidas da beleza pelo esmalte precioso do seu excelso génio.

Todas estas licenciosidades e a publicação do poemeto «Pavorosa ilusão da eternidade» o levaram ao Limoeiro e daí ao Santo Ofício, para passar como recluso para o Mosteiro de São Bento da Saúde e depois para a Congregação de São Filipe de Nery.

Esta foi a facetá bocagiana pela qual o vate é geralmente conhecido pelo povo, consanguíneo daquele mesmo povo que então o ovacionava em delírio e cujos aplausos muito excitavam a vaidade do poeta, tomando-o em exaltação nevrótica, provocando-lhe maiores lampejos de inspiração, a qual se desfiligranava em glosas inebriantes, em fustigantes sátiras e improvisos.

Mas deste seu desregramento e dissipação estral, o próprio vate se culpa e penitencia, quando diz:

Meu ser evaporei na lida insana
Do tropel de paixões que me arrastava:
Ah! cego eu cria, ah! misero eu sonhava
Em mim quasi imortal a essência humana!

De que inúmeros sois a mente ufana
Existência falaz me não dourava!
Mas eis sucumbe Natureza escrava
Ao mal, que a vida em sua origem dana.

Prazeres, socios meus e meus tiranos!
Esta alma, que sedenta em si não coube
No abismo vos sumiu dos desenganos.

Deus, oh Deus, ...quando a morte a luz me roube,
Ganhe um momento o que perderam anos,
Saiba morrer o que viver não soube.

. . . . . .

Talvez porque o intendente da polícia, Pina Manique, reconhecesse, intimamente, o alto valor do poeta, talvez porque o alvoroço da Corte de D. Maria I, outrora provocado pelas escandalosas sátiras do vate, já tivesse esmorecido e esbatido com a publicação da elegia que o poeta, sempre acolhedor das grandes comoções, produzira sobre a formosa Maria Antonieta, no cadafalso, a sua prisão, cuja acusação o levaria, anos antes, à fogueira da Inquisição, fora apenas de alguns meses nas masmorras do Limoeiro donde passara, por pouco tempo, para as celas dos conventos atrás referidos.

Aqui, no convívio de espíritos cultos e eruditos como José Seabra da Silva, D. João José Amberto de Noronha, que também ali se encontravam detidos, na convivência de frades sapientes, naquele remanso espiritual, quebrou-se um pouco a fogosidade do seu génio satírico e mordaz passando a dedicar-se a empreendimentos que mais exalçam a sua glória poética.

Retomada a liberdade, entra o poeta na sua melhor fase. Tendo uma irmã desamparada recolheu-a e, porque almas grandes como a sua são fundamentalmente boas e generosas, em puro amor fraternal afastou-o da vida desregrada, levando-o a um fecundo trabalho para a subsistência de sua irmã.

Foi, então, que fez as harmoniozíssimas traduções dos poemas de Lacroix, (Comércio das Flores) de Délile, (Os Jardins) de Ovídio, de Virgílio (a 5.ª bucólica). Quanta excelência na forma, que de gravidade na métrica, sonoridade na frase, sempre vernácula, caracterizadamente nacional, pura e colorida, que insondável riqueza nessas jóias de inestimável preço!

(Coontinua na página 7)

Porque não, uma só Imprensa?

— «Na revelação e amparo de valores ou de simples vocações não tem preço o que Portugal deve à Imprensa Regional. Produto e guarda do Espírito da Pátria. *(Do jornalista Alfredo Gândara)*

Um Artigo de:

Luís Sebastião Peres

A Imprensa Regional Portuguesa, essa desprotegida Imprensa que, batendo-se e defendendo as regiões que serve, defende Portugal, pela voz de alguns dedicados pioneiros, que a ela têm consagrado UMA VIDA INTEIRA, está a organizar-se para ir até à criação do seu Sindicato ou Associação.

Em tempos — não muito distantes — uma parte desta Imprensa bateu-se pela Organização do seu 2.º Congresso, que não passou de entusiásticos e inflamáveis artigos.

Fui um daqueles que tomei a sério a possibilidade da organização dum Congresso, tomando como boa a iniciativa, e por ela vim a terreiro em inúmeros artigos, ocupando colunas e colunas desses arautos do Regionalismo.

Tudo improfícuo. Os denodados e incansáveis esforços duns quantos, esbarraram na inércia e na indiferença de alguns, no silêncio injustificável de outros, e, ainda, o que é de lamentar, na incompreensão dos louváveis intuitos a que obedecia a realização daquele Congresso.

Não passaram de uma dúzia de dedicações, as que, desde a primeira hora, se abalançaram à idéia. Até parece inacreditável que, em 468 periódicos que vêm à luz da publicidade no País, só uma dúzia respondesse à chamada (!) — quando, nas suas colunas, se lamentam por lutarem com dificuldades, atravessando períodos de crises que só por milagre se mantêm. Como se explica, pois, que assim seja — do que não subsiste dúvida alguma — e que chamados a formar uma frente para a conquista das suas mais justas reinvindicações, desertassem?

De duas, uma: Ou não existem as dificuldades que dizem ter, ou, então, preferem continuar em situação humilhante como até aqui, desinteressando-se pela reabilitação dos direitos a que têm jus, o que é bem pior. Isto só denota falta de coesão e indiferença.

Somos dos que, assim que foi lançado o primeiro grito para uma reunião integral desta laboriosa e honesta classe, que era o 2.º congresso, logo acorremos a dar o nosso modesto, mas entusiástico, apoio.

Agora não se trata dum Congresso. Coisa mais séria e mais objectiva: — A integração dos que mourejam nesta penosa caminhada a de defender o património regional da Nação — para, num Sindicato ou Associação, se acabar com a subalternidade em que se tem vivido.

«Na revelação e amparo de valores ou de simples vocações não tem preço o que Portugal deve à Imprensa Regional. Produto e guarda do Espírito da Pátria, depois de o ser de um concelho ou de um distrito». Assim o disse na sua magistral conferência o ilustre e consagrado jornalista Alfredo Gândara, proferida em tempos na «Casa de Gouveia».

PORQUE NÃO UMA SO IMPRENSA?

Outro grande e conceituado *«leader»* da Grande Imprensa, o jornalista Leopoldo Nunes, numa vila ribeirinha do Tejo, ainda não há muito, num almoço de confraternização, declarava: *«Há Uma Só Imprensa». Sei bem que, na maioria dos casos, a Imprensa da Província não tem o que, em rigor, pode chamar-se um corpo de profissionais de jornalismo. Todavia, disso tiro uma conclusão contrária à aparência: a de que os meus colegas regionalistas nos SUPERAM em entusiasmo e devoção pela causa que defendem».*

Mais adiante, é ainda Leopoldo Nunes a dizer: *«Imprensa há só Uma, com jornais grandes e pequenos, norteados pelo ideal comum de bem Servir a Humanidade, a Nação, a Região ou o simples povoado onde nasceram».*

Depoimentos insuspeitos os destes jornalistas da Grande Imprensa que, antes de o serem, foram-no, primeiro, da Pequena Imprensa.

Mas há mais e muito mais. O maior jornalista de hoje, o Dr. Augusto de Castro, começou a sua carreira no «Aurora do Lima», de Viana do Castelo.

IMPRENSA, UMA SO! É este o meu grito e será o de sempre!

Publicações Recebidas

— *Plateia* — N.º 130 — 15 de Agosto.

— Lisboa

Director *Baptista Rosa.*

O presente número, cuja capa insere a gravura de Marina Vlady, é a continuação da esplêndida revista popular de cinema que estamos habituados a admirar e a saborear de 15 em 15 dias.

Crónicas, reportagens, ilustrações, — tudo se conjuga para que o interesse não deminua com sua leitura.

Agradecemos, reconhecidos, o exemplar que nos enviaram.

Rodoviária, — revista mensal de transportes e turismo».

Director: *Oliveira Santos*, — Lisboa.

Comemorando o seu primeiro aniversário, a Rodoviária organizou e distribuiu o seu n.º 12 com notável esplendor e inspirada apresentação.

Compete-nos felicitar o seu Director pelo aniversário e pelo triunfo completo da sua revista, — o que gostosamente fazemos.

Assim o dizemos, sem sombra de lisonja e antes em homenagem à prestigiosa verdade que lhe é devida.

Que a Rodoviária conte muitos e muitos, sempre vitoriosa e próspera em seu caminho! — são os votos de «A Província» e do seu Director amigo e sincero.

— *Boletim da Casa do Alentejo* — N.º 233 — Setembro

Director *Dr. Victor Santos* — Lisboa.

Revista mensal ilustrada que, como o título o indica, se dedica à propaganda daquela província e de todos os assuntos que com ela se prendem.

E em boa consciência, podemos afirmar que o faz com galhardia e profundo conhecimento de causa.

Nas páginas centrais a «Paisagem alentejana», do nosso distinto colaborador Antunes da Silva, põe uma nota típica e característica no sumário, — o qual, constituído por assuntos regionais e próprios, muitos valoriza o N.º 233 deste Boletim.

E muitos gratos pelo exemplar remetido.

— *Boletim Económico e Financeiro*, — *do Banco Português do Atlântico* — N.º 7, de Julho.

Não obstante se tratar duma publicação que esse Banco edita, incluindo logo na 1.ª página os seus objectivos e os do Boletim referido, o certo é que se abordam também vários assuntos de carácter genérico, no campo das ciências económicas e financeiras.

O comércio exterior de Angola, a evolução do nosso comércio especial, a vida financeira de empresas e ainda outros estudos e trabalhos, tornam o Boletim de grande utilidade.

Agradecidos pelo exemplar que nos enviaram.

DESPORTOS

Futebol

Campeonato Nacional da 2.ª Divisão

Portimonense, 2 - Montijo, 2

Bom primeiro tempo dos visitantes

No intervalo do encontro a Direcção do Desportivo de Montijo, apresentou cumprimentos ao Sr. Major Angelo Ferrari, dignissimo Presidente da F. P. de Futebol.

Sob a arbitragem do Sr. Raúl Martins, de Lisboa, as equipas formaram:

Portimonense: — Vital, Luz e Marques; Santana, José Maria e Moniz; Eugénio, Gonçalo, Eduardo, Dias e Camarinha.

Montijo: — Redol, M. Luis e Cacheirinha; Neto, Barragon e Serralha; Ernesto, Raúl, Fábregas, Mora e J. Paulo.

É notório neste principio de época o trabalho realizado com as equipas que já vimos actuar, principalmente em contraste com as anteriores, estando de parabéns por tal, não sòmente o futebol como toda a sua causa organizadora.

Com uma primeira parte cheia de brilho pelo seu jogo de boa concepção e prática, a equipa visitante teve as honras da tarde, realizando no primeiro tempo, e até em certos momentos do segundo, pormenores de técnica e de valia sòmente deminuidos pela fogosidade e espirito de luta do adversário.

A exibição da equipa poderia ter foros de sensacional, se no 2.º tempo não fosse atraiçoada pela nitida falta de recursos de dois dos seus dianteiros.

Realmente, Fábregas e Raúl, bastante úteis ainda quando bem preparados, pois trata-se de uma prova longa e árdua, não possuem de momento, e dificil será adquiri-los, os movimentos ágeis e o poder de desmarcação dos restantes companheiros de ataque.

Com tal baixa, os médios foram obrigados a auxiliar a defesa, beneficiando por tal interiores e médios adversários, que a partir de então mais vasta área para jogo encontraram.

Não se fazendo rogados, os Portimonenses puderam empatar uma partida que a todos se adivinhava desastrosa.

Pormenores há que não passam em claro, embora exijam trabalho e boa orientação, para o seu aperfeiçoamento; e que a seguir indicamos.

A organização de ataque, quando os extremos se encontram junto à linha ou fora desta é elucidativa. A deficiente colocação de M. Luis e Barragon. O constante emprego do lado do pé nos passes em profundidade que, juntamente com a precipitação na zona de remate, tiram brilho numa equipa que se adivinha de bom calibre.

Certos estamos de que estas indicações estão ao alcance do técnico responsável, simplesmente as citamos por não se tornarem nosso cavalo de batalha.

Algo de novo se passa no futebol Montijense, reabilitando-se, voltando ao seu antigo prestigio, e, para melhor aperfeiçoamento, mais trabalho é necessário.

Redol, Cacheirinha, Neto, Ernesto e Paulo, foram os principais valores na tarde de Domingo.

Nos donos da casa a sangria foi demasiado profunda, repleta de gente moça, inexperiente em demasia. Tornou-se um conjunto vulgar, com pouco sentido de ataque e falho de técnica, sendo estes pormenores de valia substituidos pela garra aparecida no segundo tempo, e que fez modificar o resultado, embora com alguma chance.

Mas certos estamos de que os Portimonenses trabalham no melhor sentido de causa, e que seus frutos colherão.

Salientaram-se Moniz, José Maria, Vital, Dias e Camarinha.

Tentos assinalados por Ernesto e Paulo, dos Montijenses, e Eugénio e Dias, dos visitados.

A arbitragem, embora sem dificuldade, não adoptou um critério único.

A. J. Canarim

Telefones de urgência

Hospital, 026 046
Serviços Médico Sociais, 026 198
Bombeiros, 026 048
Taxis, 026025
Ponte dos Vapores, 026 425
Polícia, 026 144

O Sorteio da II Divisão

(Continuação)

7.ª Jornada — Grupo Norte: Boavista-Salgueiros, Marinhense-Tirsense, Braga-Gil Vicente, Sanjoanense-Peniche, Espinho-Guimarães, Chaves-Vianense, e União Coimbra-Leixões.

Grupo Sul: — Portimonense-Coruchense, Portalegrense-Olivais, Olhanense-Juventude, Montemor-Almada, Montijo-Farense, Leões de Santarém-Arroios, e Estoril-Desportivo de Beja.

8.ª Jornada — Grupo Norte: Salgueiros-União Coimbra, Tirsense-Boavista, Gil Vicente-Marinhense, Peniche-Braga, Guimarães-Sanjoanense, Vianense-Espinho, e Leixões-Chaves.

Grupo Sul: — Coruchense-Estoril, Olivais-Portimonense, Juventude-Portalegrense, Almada-Olhanense, Farense-Montemor, Arroios-Montijo, e Desportivo de Beja-Leões de Santarém.

9.ª Jornada — Grupo Norte: Salgueiros-Tirsense, Boavista-Gil Vicente, Marinhense-Peniche, Braga-Guimarães, Sanjoanense-Vianense, Espinho-Leixões, e União Coimbra-Chaves.

Grupo Sul: — Coruchense-Olivais, Portimonense-Juventude, Portalegrense-Almada, Olhanense-Farense, Montemor-Arroios, Montijo-Desportivo de Beja, e Estoril-Leões de Santarém.

(Continua)

Basquetebol

Tomás é atleta do Sporting

Em tempos tinhamos informado os nossos leitores de que Tomás Pontes, o magnífico jogador de Basquetebol montijense, estava em vias de ingressar nos quadros de jogadores de Basquetebol do Benfica, — o popular clube «encarnado» lisboeta.

Como condições, havia a promessa de um emprego; — mas, houve quem se antecipasse no arranjo de emprego... e, hoje Tomás é atleta do Sporting.

Vamos ser sinceros. Concordamos e discordamos com a transferência de Tomás.

O asseguramento do futuro numa colocação estável, promessa de pagamento de estudos, etc., justificam a nossa primeira opinião, já que Montijo, escasseando-lhe os recursos materiais, nada poderá fazer para impedir a sua saída.

Mas, perguntamos: Como poderá um clube, dos «pobres», progredir se a matéria prima por si é pouca e logo um dos seus melhores elementos lhe falta? Nunca. Amanhã outro jogador. Se revela e logo os «grandes» o cobiçam, o desejam, enriquecendo as suas fileiras com jogadores «feitos» noutras equipas.

O plano basquetebolístico em Montijo já é baixo e assim já mais se poderá elevar.

Dos jovens em ascensão temos, por exemplo, os casos de Teodemiro e Elisiário. Aquele por a sua invejável condição física, e este pela sua extraordinária habilidade e intuição para a prática da modalidade.

Corrigidos os defeitos de Teodemiro e aperfeiçoadas as qualidades de Elisiário, estes faz-se-ão grandes jogadores. Depois, Benfica, Sporting ou Belenenses, promessas, empregos, etc., e assim dois elementos de categoria deixam Montijo a procurar melhor rumo.

Exactamente o mesmo se passa no futebol e, parece-nos, que a moda pegou também no atletismo.

Atletas da província abalam para Lisboa, iludidos por radiosas palavras e, na maioria dos casos, por vãs promessas que nuncam se chegam a cumprir.

Ainda os nossos «dirigentes» dizem todos contristados: Como poderá o Desporto, na acepção da palavra, progredir em Portugal se a sua actividade se limita pràticamente a Lisboa?

Dispensamo-nos de mais comentários e só diremos: De facto tal não se poderá verificar, enquanto não forem totalmente revogadas as leis que regem a orgânica do Desporto Português.

Luciano Mocho

Concurso de Prognósticos de Futebol

Começam hoje a publicar-se os cupões de prognósticos deste Grande Concurso que tanto êxito alcançou na época anterior

Prémios atribuídos para este cupão:

Ao que acerte em todos os resultados

1.500$00

em compras em estabelecimento à escolha do contemplado

Ao que acerte em maior número de resultados (exceptuando todos os resultados):

2 fogões eléctricos, oferecidos pela SETEL (Sociedade Electrificadora Tejo Lda., com sede em Montijo)

E agora todos ao Grande Concurso de Prognósticos

Regras

I — Os concorrentes deverão enviar pelo correio ou entregar pessoalmente na redacção deste jornal (Av. D. Nuno Alvares Pereira, 18) o cupão inserto neste jornal.

II — Este cupão deverá ser preenchido com os prognósticos dos resultados dos desafios nele indicados e bem assim o nome e morada do concorrente, por forma legível, sem o que não serão considerados.

III — O referido cupão deverá ser entregue até às 12 horas de Domingo de cada semana.

IV — No preenchimento dos cupões, não interessa expressar os resultados pelo número de golos marcados ou sofridos por cada clube, mas, ùnicamente, a aposição de uma das três letras (D. V. ou E.) à frente do nome dos clubes consoante se lhes atribua, respectivamente *Derrota, Vitória* ou *Empate*.

V — Semanalmente serão atribuídos dois prémios.

Um, ao concorrente que acerte em todos os resultados, e outro, àquele que acerte em maior número de jogos (exceptuando todos os resultados).

VI — Desde que dois ou mais concorrentes acertem no mesmo e maior número de resultados será o prémio dividido quanto possível em partes iguais.

VII — Todos os leitores do nosso jornal poderão concorrer.

VIII — Cada concorrente terá o direito de utilizar o número de cupões que quiser, desde que os cupões sejam devidamente preenchidos.

IX — Os prémios semanais serão atribuídos (entregues pessoalmente ou enviados) na semana seguinte ao número em que sairem publicados.

X — Quando um jogo ou mais ficarem adiados por qualquer motivo imprevisto, os cupões só serão considerados depois de conhecidos todos os resultados dos jogos indicados no respectivo cupão.

XI — Os cupões serão publicados com uma semana de antecedência aos jogos, a fim de que os leitores fora de Montijo possam concorrer.

CORTE POR AQUI

CUPÃO N.º 1

Concurso Prognósticos de Futebol de «A Província»

1.ª Divisão		2.ª Divisão (Zona Sul)	
Atlético	Oriental	Portaleg.	Estoril
Belenenses	Setúbal	Portim.	Olhanense
Caldas	Barreirense	Coruchense	Montemor
Cuf	Torreense	Olivais	Montijo
Porto	Académica	Juventude	«Os Leões»
Covilhã	Benfica	Almada	Beja
Lusitano	Sporting	Farense	Arroios

Nome .....

Morada .....

Localidade .....

«A Província» **Cupão N.º 1**

Enviar este cupão até às 12 horas de Domingo 23

Portugal Turístico

(Continuação da página 7)

sões. Há também por lá muita maravilha, muita «coisa fantástica», com seus lagos transparentes, com suas pontes sobre as águas, mantos, esculpidos pelas paredes, tapetes orientais que nos deixam perplexos, águas fortes de encantar. A de Sauto António é talvez mais impressionante, mais esmagadora, mais «maior» nos panoramas e brutais esplendores.

O sr. Prudêncio concorda e diz que é a opinião geral dos visitantes.

No regresso, dentro do carrão que vai descendo a serra com chiadeira de travões, porém, venho congeminando:

— A gruta devia estar noutras condições. As estradas deviam ser cuidadas, arranjadas para a viagem. Aqueles dois quilómetros que o sr. Prudêncio fez construir à sua custa, deviam ser transformados numa estrada confortável, espaçosa, ao menos macadamizada, que nos levasse à entrada da gruta bem dispostos. Aquela entrada devia ser modificada, com uma frontaria que convidasse, alegre e garrida. As escadarias deviam ser de pedra, já que tudo é pedra naquelas alturas, interessantes e de confiar. A iluminação devia ser a jorros, de boa energia eléctrica, com projectores de longo alcance...

E aqui vem a «talho de foice»: Ou deixar o proprietário apropriar tudo como devia ser, ou tomar conta oficial do caso, indemnizar convenientemente o proprietário e pôr tudo como é natural que fosse.

E ao descer a Alvados e a Porto de Mós, vínhamos repetindo, entre as risadas da caravana livre do pesadelo:

— Que lindo é o nosso Portugal! Que soma de belezas naturais, que deslumbramento de maravilhas!

Simplesmente, o turismo está muito por fazer.

E será por isso que a maioria dos portugueses desconhece a gruta de Santo António e os estrangeiros fogem dela a sete pés...

Do Minho ao Guadiana

Aldeia do Bispo

(Penamacor)

— No passado dia 24 de Agosto efectuou-se nesta freguesia a festa em honra do orago desta aldeia, S. Bartolomeu, uma das mais típicas festividades da região.

Constou de missa solene, tendo sido oficiante, o rev.º Pároco desta aldeia e nosso prezado assinante, que foi acolitado pelos rev.os P.e Paula de Campos, nosso conterrâneo, P.e da Silva Lobo (Águas), e como mestre de cerimónia esteve o rev.º P.e Rolando (Aranhas). Prègou o sr. Dr. Manuel Anastácio, distinto aluno do Colégio Português, de Roma, e crítico de arte sacra.

Houve procissão, que foi abrilhantada pela filarmónica da aldeia de João Pires. À tarde houve o tradicional ramo ou leilão dos frangãos, a típica e tradicional fogaça a S. Bartolomeu, e arraial.

— São inúmeras as pessoas que, vindas de muitos pontos do país, aqui estão a descansar de um ano de labuta.

— A bem da cultura popular acaba de ser aumentada a Biblioteca desta aldeia, graças à Campanha Nacional da Educação de Adultos, perante o número de livros requisitados e dos seus leitores.

— No passado dia 2 de Setembro efectuou-se a festa do Sagrado Coração de Jesus, na semana antecedente haverá um tríduo preparatório e uma série de conferências, em que será conferente um distinto orador.

Por isso estão sendo aguardadas com vivo interesse. — (C.)

Canha

Desastre no trabalho

Recolheu ao hospital de S. José, de Lisboa, por ter sido atingido no ventre com um fardo que descarregava, o trabalhador Francisco Maria de Oliveira, de 16 anos de idade.

Sines

Inauguração dum lavadouro público

Com a assistência do Governador Civil do Distrito de Setúbal, sr. dr. Miguel Rodrigues Bastos, foi inaugurado em Sines um lavadouro público, melhoramento que se deve à família Pablo, em cumprimento de um desejo manifestado por seu pai, sr. Domingos Rodrigues Pablo. Na sessão que se efectuou, e depois de assinado o acto de entrega do melhoramento ao Município, falou o sr. Mário Tavares, que fez o elogio do sr. Domingos Pablo. Usou depois da palavra o sr. Pablo Junior, que agradeceu a homenagem prestada a seu pai. Falou, por fim, o sr. governador civil.

No edifício da Câmara Municipal foi oferecido pelos filhos daquele benemérito uma merenda a todos os convidados, usando da palavra os srs. padre Carlos Rodrigues, governador civil, e dr. Cândido Leal Tavares.

Alcochete

Excursão a Espanha, organizada pelo Aposento do Barrete Verde

Por iniciativa da diligente Direcção do Aposento do Barrete Verde, da atraente e laboriosa vila de Alcochete, está em realização uma excursão a Espanha, de 11 a 20 do corrente, que, além de fazer paragem em algumas cidades e vilas do nosso país, visitará Salamanca, Escurial, Madrid, Aranjuez, Toledo, e Badajoz, da nação vizinha, a fim de admirar as suas belezas e monumentos locais.

Felicitando os empreendedores, desejamos-lhe a maior satisfação na sua viagem turística.

BOCAGE

(Continuação da página 5)

E a águia lírica subiu novamente aos píncaros parnasianos e, abrindo as asas dum pensamento nobre e fecundo, mostra-nos o engaste precioso do seu inconfundível lirismo na profusão de ditirambos e sonetos que têm o seu destaque entre os melhores da Literatura Portuguesa.

E esta alma enorme, fantástica, que tão nevròticamente vibrava ao leve roçajar do vento órgico, com que pureza e ansiedade recolhia agora o sopro puro das virações do ceu!

Se nos botequins e alcouces o seu temperamento nevrótico o levava à tempestuosidade de torpes versos, no recanto duma igreja a sua alma sentia vibrantemente, no tanger do órgão, a voz de Deus.

E num santo misticismo, em puro êxtase, a lira bacagiana, qual corola aberta aos sorrisos do Sol, espargia, em múltiplas odes, o aroma delicioso de religiosa crença.

Ainda em face da morte, tocando o infinito, tendo perante si o mistério insondável do Além, com a alma às portas da Eternidade, o seu estro, a despedir-se, rasgando as nuvens da obscuridade, num arrependimento sincero, tem para a Mocidade, para o Mundo, estas sentidas endeixas de rutilantes jóias que formam um dos melhores sonetos da língua portuguesa:

Já Bocage não sou!... A' cova escura
Meu estro veio parar desfeito em vento...
Eu, aos Céus ultrajei! O meu tormento
Leve me torne sempre a terra dura.

Conheço agora já quão vã figura
Em prosa e verso fez meu louco intento;
Musa!... Tivera algum merecimento
Se um raio de razão seguisse pura!

Eu me arrependo; a língua quase fria
Brada em alto pregão à mocidade,
Que atrás do som fantástico corria:

Outro Aretino fui... A Santidade
Manchei!... Oh! se me creste, gente impia,
Rasga meus versos, crê na eternidade!

. . . . . .

Assim, faleceu na prematura idade de 39 anos o imortal Poeta.

SOUSA GAGO

N.º 22 Folhetim de «A Província» 13-9-956

Aldeia do Avesso

Por Alvaro Valente

E a pouco e pouco, depois de sabido o número e a qualidade das pessoas a cargo de cada um, desfilavam perante a comprida mesa e recebiam das ornamentadas damas os «presentes».

Eram roupas e fatiotas para as crianças, brinquedos para os mais miudos, cartuxos com guloseimas, e sobrescritos fechados.

Depois, a fila andava de volta, passava em frente dos sócios da empresa, *para constar*, e saia.

Cá fora, ainda sob o influxo da surpresa, os operários e trabalhadores seguiam como sonâmbulos azinhaga acima, em direcção à aldeia.

O que mais lhes acicatava a curiosidade eram os sobrescritos. Iam ansiosos por cuscuvilhar.

Aos grupos, parando nas curvas, abriam e ficavam ainda mais surpresos.

Cada sobrescrito levava um cartão e a letras negras e cheias uma frase; e

...os que sabiam ler, liam para os outros em voz alta:

— A taberna é o antro onde os operários gastam a saúde e o salário.

— Precisas de saber ler e escrever para seres mais Homem.

— O trabalho distingue o operário do inútil e faz dele um perfeito cidadão.

— A tua família espera no fim da semana o alimento da semana seguinte.

— O trabalho deve ser regrado para que o operário não esgote, antes de tempo, as suas energias.

— Não te esqueças do dia de amanhã e por isso não estragues as tuas economias em coisas prejudiciais.

O desapontamento foi geral. Esperavam dinheiro e apareciam, afinal, «cantigas do arroz pardo»!

— Lérias! Lérias! Fartos de «tretas» estamos nós. Antes uma «carvalhada» com alguns «canecos»...comentavam, exasperados.

E pela «carreira» além rebimbavam todos, assoprando desesperos e explodindo desilusões.

Um deles ainda aventou:

— Enfim. Lá se alembraram dos cachopos e das mães... Foi bonito!

Mas os outros repontaram:

— «Poaceira»... tudo «poaceira». Ronhentos! Quem os não conhece que os compre.

E a seguir, um mais decidido fez alto e prègou:

— Isto não há mais que ver. Eles não querem que a gente se *adivirta*; mas nós é que não «vamos no bote». «Conversa, que o jantar é logo»...

— «Se eu vos percebo... cebo», — ripostou o mais próximo.

— Pois não te consumas, que é *fácele*. São todos umas «natas», mas não deitam a cantareira abaixo...

E logo com resolução:

— Ó rapazes! Isto não há «mas» nem «quês». A gente é que vai fazer o «pau de fileira». À noite vamos todos prá do «*Jasuino*»; cada *cal* leva petisco e bebe-se a pinga «até suar camisa». Depois, vá de «cantes» do fado até as tantas e a flistria somos nós que a fazemos! Valetas?

Os outros apoiaram. Estava-lhes no sangue...

E como os tinham dispensado pelo resto do dia, às oito e pouco da noite, a seguir a longas sestas, já horas velhas, a taberna do «Jesuino Cantante» regorgitava.

Puseram-se cá fora, no terreiro, mesas e bancos compridos; penduraram-se gasómetros de acetilena; e a comezaina principiou.

Os quartilhos andavam numa roda viva, — vasa-que-tomba!

Já não se entendiam, pela altura das laranjas. Era uma embrulhada de conversas, com tanta animação e gestos, que por fim era o labirinto geral!

Uns, resingões, falavam de coisas das terras distantes, martelando nos mesmos assuntos de trás para diante e de diante para trás; outros, sonolentos, molengas, assentiam e mal se podiam ter.

(CONTINUA)

Portugal Turístico

A Gruta de Santo António

Que lindo é o nosso Portugal! Que soma de belezas naturais, que deslumbramento de maravilhas!

Desde o Algarve ao Minho, desde a costa atlântica até a fronteira espanhola que nos limita com o país vizinho pelo oriente, que esplendoroso jardim de variegadas flores, que gracioso conjunto de soberbos quadros!

Agora mesmo, nesse Agosto delusório que andou brincando connosco aos verões doutrora, eu tive ocasião de me certificar destas verdades.

Encontrava-me em Alcobaça quando me alvitraram a visita à gruta de Santo António. Fiquei embasbacado quando tal me disseram, e ainda mais quando me acrescentaram que a gruta de Aracena, na Serra Morena de Espanha, era muito inferior à nossa.

Esta última afirmativa resolveu me imediatamente. A dúvida crescia dentro em mim, pois não achava possível que no meu país houvesse nesse género beleza natural que suplantasse a gruta de Aracena, onde me deliciara por duas vezes na contemplação de fantásticas orquestrações da pedra, da água, da luz e da cor.

Aracena tinha constituído, para a minha sensibilidade em arte e sonho, uma das mais inolvidáveis manifestações da Natureza em suas dominadoras forças. Eu tinha ainda bem presente na memória os êxtases que ali sentira, naquela tarde autênticamente estival em que descera à gruta com dezanove companheiros, todos estranhos às surpresas que nos esperavam no interior da Terra mãe.

E fora tamanha a majestade dos panoramas, a grandiosidade dos aspectos, a esquisita estrutura das salas, dos lagos, dos tectos, das paredes exóticas, dos efeitos multicores e assombrosos, que dificilmente acreditava na supremacia da de Santo António.

Organizada uma caravana de seis passageiros, lá partimos para a deliciosa aventura. Foi num daqueles carrões motorizados de seis lugares que afrontámos a serra e alcançámos a entrada.

A viagem é já de por vezes nos arrepiar, tal a abundância de precipícios, que nos rodeava, em torcicolos respeitáveis e perturbantes!

Íamos subindo a serra de Santo António, para diante de Alvados, numa estrada em espiral contínua, sempre à beira de altitudes que atemorizam e enebriam.

A paisagem vai-se tornando a cada passo mais prodigiosa, mais admirável!

Um aspecto fantástico da Gruta de Santo António

Para o fundo das ravinas descortinam-se pedaços de pinhais, courelas que parecem pedras de dominó, árvores isoladas que lembram soldaditos de chumbo em sentinela, verdes espraiados em longas relvas, manchas densas de terrenos matosos.

E o carrão vai subindo, subindo, para mais alto e para mais ásperas cordilheiras pedregosas, a delimitarem os caminhos e as propriedades adjacentes.

Em certa altura, tudo quanto nos cerca é de pedra!

Os horizontes brilham de penedos hercúleos; monstros informes salpicam a serra de lés a lés; passamos por cima de bicos que são píncaros disfarçados de montes ocultos; e o que a nossa vista abarca é rocha, é calhau, é pedreira!

A caravana horroriza-se, mas canta e sorri de amarelo.

Há ditos de espírito para animar, há gargalhadas que se perdem nas planuras distantes como gritos de máscaras.

Deslizamos depois por outra estrada mais estreita, mais apertada, onde um carro não passa por outro e tem que recuar. Voltamos à esquerda e seguimos em direcção à célebre gruta. Estamos a dois quilómetros e nada mais conhecemos do mundo do que pedras e pedras e pedras!

— Será possível que naquele deserto de pedregulhos se esconda essa maravilha de que nos falam? — perguntamos ao nosso pensamento duvidoso.

E o carrão olímpico pára no cimo, em frente a um buracão sem estética.

POR

Álvaro Valente

— É aqui! Chegámos. Por aquele orifício anfractuoso teremos de nos introduzir e descer, — diz-nos a intuição.

Surge-nos o sr. Prudêncio da Conceição Carreira, — o descobridor da gruta, o dono actual e o cicerone da ocasião —, que nos recebe e diz «de sua justiça».

A recepção é campestre, rústica, montanhesa, sem diplomacias nem contumélias, mas, por isso mesmo, talvez mais pitoresca, mais adequada à aventura que nos leva às profundidades macabras.

Em volta da «boca» uns bancos para descanso... para se tomar alento. A um canto e a um lado, caixas de laranjadas e outros refrescos, como se nos esperassem calores excessivos e atormentadores.

A caravana olha e remira. A entrada não é nada convidativa. Há receios, há certo nervosismo nos componentes. (É sempre o desconhecido que mais impressiona...)

O sr. Prudêncio aproveita o momento para contar o seu descobrimento, em Junho de 1955:

— Um rapazito corria atrás duma gralha. A gralha meteu-se por uma fenda e desapareceu. O sr. Prudêncio estava presente e, em face do desejo que o rapazito mostrava pelo passarão, procurou apanhá-lo nos interstícios da rocha. A gralha fugia e refugiava-se nos recôncavos, e o sr. Prudêncio avançava para a agarrar. Eis senão quando, ao debruçar-se mais, se lhe depara uma galeria espectacular, rendilhada, repleta de «coisas fantásticas» que o deixaram boquiaberto!

Foi o princípio. Em ocasiões sucessivas, o sr. Prudêncio desceu a investigações e a pouco e pouco foi descobrindo novas «coisas fantásticas», cada vez mais para assombrar!

— Então? Vamos a isto? — grita um dos parceiros.

E a caravana hesita, tanto mais que já alguém anunciara que algumas senhoras, ao verem o aspecto da entrada, tinham desistido da visita.

— Dos fracos não reza a História, — grito eu por minha vez, e não é impunemente que se usa um apelido tão expressivo. Vamos, pois!

— Que luz nos alumiará? — pergunto.

E o sr. Prudêncio comunica-nos que será o portador dum candeeiro «Petromax».

— E se o candeeiro se apaga? — pergunto receoso.

— Acende-se novamente, — responde-me o anfitrião.

— Não acho isso muito prudente, — acentuo eu, também um pouco hesitante (com algum medo, é que é a verdade)!

— Pode ir outro ajudante meu com outro candeeiro, — replica o Vasco da Gama daquele caminho subterrâneo.

— Pois assim é que está bem. E vamos a isto.

O ajudante acende outro «Petromax» e enfileiramos para a entrada.

De cócoras, atendendo aos espetos de pedra que de todos os lados nos espreitam, cuidado aqui, cuidado ali, cautela com as cabeças, penetramos.

Uma escada de madeira por ali abaixo, nalguns sítios sem corrimão, escorregadia, lamacenta dos passantes, conduz-nos lentamente aos antros.

Seguimos em fila, falando e rindo para disfarçar, o coração bate que bate.

À frente o sr. Prudêncio vai explicando e apontando as estalagmites e estalactites dos caminhos, os aspectos extraordinários que vão surgindo, as estátuas (?) que irrompem dos lados, os ciclópicos mastodontes que nos contemplam.

Outro aspecto não menos fantástico

Não há palavras que possam descrever esses aspectos variados, esses pormenores que nos causam espanto e admiração!

Ainda não há salas com nomes pomposos, nem as galerias estão denominadas.

É tudo obra do sr. Prudêncio, que diz o que entende e sabe, por observar. A todos os instantes cita factos das suas aventuras de acaso, sempre mais interessado em «dar novos mundos ao mundo».

Esmagados pelas sensações, estupefactos, seguimos os guias que, de vez em quando, erguem os candeeiros para os céus (de pedra, é claro) a fim de observarmos as fantasias da Natureza... nos altos tectos das cúpulas.

E a imaginação cria fantasmagorias habituais nestes casos: Acolá, bustos de santos, monumentos e catedrais, vultos que lembram sereias e náiades, galeões e naus nos altos mares; mais além, fios de pedra das infiltrações, que parecem cordas de esparto, filigranas que refulgem, rocas em movimento suposto, recortes que imaginamos míscaros, frascos com rolhas enormes, vasos, plantas destrambelhadas, «coisas do arco da velha»!

Não há palavras que possam descrever quanto vamos observando.

Só lá indo, só lá indo.

Após meia hora de percurso, retomamos a escada que nos traz à luz do dia.

Sentimos um alívio reconfortante ao chegarmos à entrada do buracão. Estamos outra vez em contacto com o chão que pisamos afoitos, convictos da nossa condição de humanos sobre a Terra, habitantes deste planeta e deste país sem igual.

Na troca de impressões à flor do solo vem a comparação:

— E então? — pergunta-nos o sr. Prudêncio. A de Aracena é superior à minha ou não?

Não sei que responder. Não tenho disposição para estabelecer confrontos e definir posições. Estou ainda muito «comovido» da descida que efectuámos e as ideias baralham-se-me, atabalhoadamente, confusamente.

— Sim, esta gruta de Santo António é diferente. Os aspectos e os pormenores são outros. A de Aracena está «oficializada», «uniformizada», preparada para as excur-

(Continua na página 7)